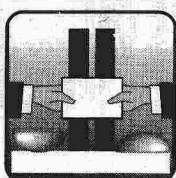


# Economistas: Brasil ganha com Itamar

LÉA CRISTINA

A economia brasileira estará melhor com um governo Itamar Franco do que com a manutenção do governo Collor. E o que se conclui dos cenários traçados por seis economistas de diferentes correntes ouvidos pelo GLOBO. Eles não esperam que Itamar venha a salvar o país da crise aguda em que vive há mais de uma



década — para isso, concordam, são necessárias profundas reformas que devolvam ao Brasil a capacidade de financiamento. O que dizem é que Itamar tem mais possibilidades de ser bem sucedido do que Collor.

O diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), Julian Chacel, é quem menos vê diferença entre um e outro. Mas, ao analisar a questão da reforma fiscal, afirma que Itamar terá menos problemas do que Collor para conseguir aprovar um ajuste.

A maioria acha que a continuidade de Collor representará aumento de inflação. Um governo Itamar, dizem, deve significar desaceleração de preços — mas desde que não haja "algum namoro do Itamar com gente que gosta de choque", acentua o professor da PUC/RJ, Gustavo Franco.

Com Itamar, a política monetária restritiva será mantida, só que aliada a medidas que venham a minorar os custos sociais da recessão, acreditam os entrevistados. Nesse quadro,

também é apontada como alternativa a adoção de uma política de rendas (regras para preços e salários): só que uma política negociada.

Segundo eles, os empresários não têm por que temer um retrocesso no processo de modernização da economia, no caso de Itamar Franco assumir a Presidência. A abertura econômica e a privatização são processos irreversíveis. Pode haver mudanças tópicas, que entretanto não comprometeriam a direção geral.

	Inflação	Recessão	Privatização	Abertura econômica	Reforma fiscal	Dívida externa	Dívida interna	Dolarização
<b>João Paulo dos Reis Velloso</b>  Ministro do Planejamento dos Governos Geisel e Médici. De linha liberal, é o atual presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec) e coordenador do Fórum Nacional.	<b>Com Collor</b> É imprevisível o comportamento da inflação no caso da permanência do Collor: isto porque esta hipótese não está nos cálculos da sociedade. <b>Com Itamar</b> Tudo depende muito do ministro da Economia. Não vejo risco de explosão no caso de ele manter o Marcílio ou optar por um outro, que provavelmente terá ampla credibilidade.	<b>Com Collor</b> Em linhas gerais, a política de estabilização será mantida. Vai é rever os custos sociais da recessão, o que, aliás, já começou a ser feito pelo ministro Marcílio. <b>Com Itamar</b> Também manterá, em linhas gerais, a política atual de estabilização. Só que, provavelmente, com mais ênfase às políticas compensatórias.	<b>Com Collor</b> Já há uma nítida indicação de que o atual Governo vai começar a exigir uma certa participação em dinheiro (10%) na venda das estatais. Na medida do possível, é um certo avanço. <b>Com Itamar</b> Também neste caso, a tendência é estabelecer pagamento em dinheiro. Mas, provavelmente, em percentual maior que os 10% que estão sendo imaginados pela administração atual.	<b>Com Collor</b> Outro caso de manutenção de linhas gerais, com alguma revisão. A Secretaria Nacional de Economia já está falando em rever algumas situações. Não vai recuar na direção geral. <b>Com Itamar</b> Também não haverá mudança na direção geral. Só que pode sofrer revisão maior, como exame específico de caso a caso.	<b>Com Collor</b> Será muito mais difícil de implementar. A oposição vai, simplesmente, se recusar a votar qualquer reforma fiscal. <b>Com Itamar</b> Mais fácil de ser aprovada, sendo dividida em duas partes: uma reforma de emergência para este ano e as questões mais controversas para o próximo ano.	<b>Com Collor</b> Acaba de negociar. Não tem por que mudar. <b>Com Itamar</b> Ninguém vai mexer em nada agora, até porque nas circunstâncias atuais foi o melhor que se conseguiu.	<b>Com Collor</b> O presidente não repete o erro cometido no início do seu governo. <b>Com Itamar</b> Ninguém vai mexer nas regras do jogo. É intocável.	<b>Com Collor</b> Não tem futuro no Brasil. Até porque não está dando certo na Argentina. <b>Com Itamar</b> Não tem futuro no Brasil.
<b>Gustavo Franco</b>  Professor de economia da PUC/RJ, é um estudioso de hiperinflação. Define-se como alguém que mistura idéias de diferentes linhas econômicas.	<b>Com Collor</b> Enquanto o Collor permanecer, a inflação continuará subindo. Se o impeachment não for aprovado, vamos ter hiperinflação, resultado de crise fiscal, com paralisação decisória. <b>Com Itamar</b> Deve assumir com a inflação acima de 30% e vai precisar usar uma política gradualista para tentar controlá-la. Se houver namoro com gente que gosta de choque, a inflação dispara.	<b>Com Collor</b> Vai liberar dinheiro de acordo com uma política fisiológica. Haverá certa recuperação, mas aí virá a hiperinflação. A recessão tem custos sociais perversos, mas a hiperinflação também. <b>Com Itamar</b> Vejo três hipóteses. A mais provável é a manutenção de uma política de austeridade e reforma fiscal. Mas há chance de um governo de união nacional, e ainda de choque.	<b>Com Collor</b> Deve forçar o uso de algum dinheiro na compra das estatais, sem eliminar as moedas pobres. <b>Com Itamar</b> Para rever esta questão, ele teria que levar o assunto ao Congresso. Não acredito que vá colocar a mão nesta história.	<b>Com Collor</b> Enquanto o programa recessivo permanecer, as dificuldades na abertura econômica não serão superadas. O processo está interrompido pela recessão. <b>Com Itamar</b> A questão é a recessão: com ela, a abertura não avança. Ou seja, não acredito em obstáculo ideológico. Para mim, o Itamar era nacionalista. Hoje, reconhece que o mundo mudou.	<b>Com Collor</b> Não passa nada. Não se resolve coisa alguma com ele na presidência. Ainda mais esta reforma, que envolve mudanças na Constituição. <b>Com Itamar</b> Toca para frente a reforma que está no Congresso, que não resolve o problema da inflação, porque apenas substitui impostos: não reduz gasto, nem aumenta imposto.	<b>Com Collor</b> Não muda. Está tudo encaminhado. Agora, sem o Marcílio e com fisiologismo, corre-se o risco de os bancos credores congelarem as negociações e o FMI acabar não renegociando metas. <b>Com Itamar</b> Não teria porque mudar, já que o acordo obtido foi bastante razoável.	<b>Com Collor</b> Fica como está. Qualquer outro tratamento, como alongamento compulsório, é confisco. <b>Com Itamar</b> Também fica como está.	<b>Com Collor</b> Não acontece, de jeito algum. Para se aplicar dolarização no Brasil seria preciso congelamento de preços e de ativos, medida que esse governo não tem credibilidade para tomar novamente. <b>Com Itamar</b> Acho possível que o Itamar compre esta idéia, por uma questão de marketing: um congelamento de ativos, que é necessário, só atingiria os grandes tubarões; não atingiria a poupança.
<b>Julian Chacel</b>  Diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Monetarista, segue a linha ortodoxa da FGV.	<b>Com Collor</b> Em setembro, aparentemente a inflação se acelera. Mas qualquer que seja o desfecho da crise política, a inflação vai desacelerar. <b>Com Itamar</b> Com qualquer desfecho da crise, a inflação desacelera.	<b>Com Collor</b> A recessão está sendo inútil, face à absoluta ausência de resultados no combate à inflação. O maior desafio é conseguir combater a inflação e frear o desemprego. <b>Com Itamar</b> Tanto um quanto outro teria que olhar o aspecto da fadiga nacional em relação à recessão.	<b>Com Collor</b> Não me parece que possa haver uma mudança radical nos rumos da política econômica, sobretudo do que se refere a sua visão de longo prazo. <b>Com Itamar</b> Não muda: a revisão do papel do Estado e uma visão mais integrada na economia internacional trata-se de uma tendência universal.	<b>Com Collor</b> Não muda. <b>Com Itamar</b> Não muda.	<b>Com Collor</b> Neste caso, poderia haver acirramento nas relações entre Executivo e Legislativo. Agora, é bom ressaltar que seria uma insanidade deixar o país sem orçamento no próximo ano. <b>Com Itamar</b> A reforma fiscal que está no Congresso não passa nem com Collor nem com Itamar. Tem que haver uma solução de emergência.	<b>Com Collor</b> A questão já está praticamente resolvida. Depende do Senado. Não creio que o Senado venha a colocar obstáculos, mesmo no caso de o presidente Collor permanecer. <b>Com Itamar</b> A questão está praticamente resolvida.	<b>Com Collor</b> Um ou outro na presidência deve procurar trocar os títulos de longo prazo pelos de curto prazo. Seja qual for o procedimento, confisco como o do Plano Collor I não seria adotado. <b>Com Itamar</b> Um ou outro deve procurar trocar os títulos de curto prazo por de longo prazo.	<b>Com Collor</b> Neste momento, tudo é possível. Não estou convencido da conveniência desta idéia. <b>Com Itamar</b> Neste momento, tudo é possível.
<b>Cláudio Contador</b>  Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ministro da Economia Marcílio Marques Moreira tem usado as análises conjunturais feitas por ele, por considerá-las isentas.	<b>Com Collor</b> Estaremos na constante ameaça de um choque. A sociedade vai sempre achar isso, o que puxaria a inflação. <b>Com Itamar</b> Dois cenários: 1) cair na tentação de fazer algo diferente, mágico e aí daria um choque; 2) não faz mágica; num primeiro momento consegue queda, através de um choque inicial de confiança.	<b>Com Collor</b> Depende se fica com Collor ou não. Em caso positivo, a política atual continua. Mas de qualquer jeito, tenta minorar os custos sociais da recessão, como já vinha tentando fazer. <b>Com Itamar</b> Vai tentar reduzir a recessão e seus custos sociais. Deverá estimular, por exemplo, a construção civil e dar maior ajuda para o Nordeste.	<b>Com Collor</b> Pode até atrapalhar o programa de privatização, provocando um retrocesso, com a sociedade questionando o que já foi feito. Isto porque deve tentar apressar os resultados. <b>Com Itamar</b> Será mantida em linhas gerais, devendo sofrer algumas mudanças em relação, por exemplo, aos preços cobrados e à qualidade das moedas usadas. Velocidade menor do que a atual.	<b>Com Collor</b> Permaneceria como está. <b>Com Itamar</b> Pelo que tenho ouvido em Brasília, o Itamar mudou de posição: não vai insistir na reserva de mercado. O programa se mantém.	<b>Com Collor</b> Ficaria eternamente na confusão atual: nada acontecendo. <b>Com Itamar</b> Tem mais chances de ser feita com Itamar do que com Collor: Itamar contaria com um choque inicial de confiança que deveria aproveitar para fazer o ajuste.	<b>Com Collor</b> Neste ponto, o país conseguiu algo interessante. A conquista que pode ser creditada a Collor, à paciência do Malan e ao cansaço dos credores. Não tem por que mudar. <b>Com Itamar</b> Pode não ter sido o melhor acordo. Mas foi o acordo possível. Não tem por que ser mudado.	<b>Com Collor</b> Os encargos já estão altos. Mas neste caso, não tem como haver mudança: o presidente Collor não consegue mais nomear o diretor do Banco Mundial no Brasil. <b>Com Itamar</b> É preciso alongamento do perfil desta dívida, cujos encargos estão crescendo muito. Itamar deve esperar a inflação cair para tomar esta medida.	<b>Com Collor</b> É possível: como ato de desespero. Mas isso implicaria na saída do Marcílio. <b>Com Itamar</b> Não vejo como, porque não resolve nada. O importante é o ajuste fiscal.
<b>José Márcio Camargo</b>  Presidente do Instituto dos Economistas do Estado do Rio de Janeiro (Ierj), especialista em análises do mercado de trabalho. Defende a adoção de políticas de renda.	<b>Com Collor</b> Um governo Collor vai ser sempre provisório. Ninguém sabe o que acontecerá daí a dois ou três meses, porque, por exemplo, o procurador-geral da República pode indicá-lo. <b>Com Itamar</b> Pode gerar mais estabilidade e menos especulação. Do ponto de vista do curto prazo, um governo Itamar é melhor do que um governo Collor.	<b>Com Collor</b> Collor e política econômica? Prefiro não mais associar esta possibilidade, porque o resultado seria extremamente ruim. <b>Com Itamar</b> Vai tentar fazer uma política de combate à inflação que menos recessiva do que a atual. Vai tentar obter apoio dos grupos sociais mais bem organizados uma política de renda negociada.	<b>Com Collor</b> Programa deve ser mantido. <b>Com Itamar</b> Mesmo que o Itamar quisesse, esta seria uma questão muito difícil de ser revertida. Pode haver mudança de estratégia, mas dificilmente mudança no objetivo.	<b>Com Collor</b> Programa deve ser mantido. <b>Com Itamar</b> Pode reduzir um pouco a velocidade. Mas é praticamente irreversível: dificilmente o mercado brasileiro voltará a se fechar. Processo que começou a ser algo importante, desde Sarney.	<b>Com Collor</b> Não consegue fazer passar reforma fiscal alguma pelo Congresso. <b>Com Itamar</b> Neste caso, teremos, pelo menos, uma reforma fiscal de emergência.	<b>Com Collor</b> Não teria porque mudar. <b>Com Itamar</b> Não acredito em mudança. O acordo está assinado. Foi o acordo possível para o Brasil neste momento.	<b>Com Collor</b> Não acho que exista espaço para mexer nesta questão. <b>Com Itamar</b> Deverá gerenciar a dívida, até que a inflação caia e o perfil possa ser modificado.	<b>Com Collor</b> Pode usar como única forma de tentar se salvar. Mas seria um desastre. <b>Com Itamar</b> Mais difícil de acontecer. O mais provável é que seja adotada uma política de renda negociada: isto é mais provável do que choque ou dolarização.
<b>Eduardo Scaletsky</b>  Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), coordena convênio estabelecido entre a instituição e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese).	<b>Com Collor</b> Dispara <b>Com Itamar</b> Não dá para dizer que vai continuar subindo, mas também não dá para prever queda. Mas com ele, abre-se uma perspectiva de pacto entre os diferentes agentes.	<b>Com Collor</b> A recessão continua e o quadro pode se agravar porque a inflação cresce. A questão é que ele não tem mais credibilidade. <b>Com Itamar</b> No primeiro momento, não vai poder reverter a recessão: se o fizer corre o risco de produzir um governo como o de Sarney. O fundamental é que vai tentar obter apoio da sociedade.	<b>Com Collor</b> Até o programa de privatização fica complicado com a permanência do Collor. Pela perda de confiança, talvez não tenha como mudar a questão das moedas podres, por exemplo. <b>Com Itamar</b> Muda só na forma. O processo deve ser mais cuidadoso, com rediscussão sobre o uso das moedas podres e a decisão sobre empresas a serem privatizadas passando pelo Congresso.	<b>Com Collor</b> Processo irreversível, que deve ser mantido mais de que governo está no poder. Continuará fazendo a abertura da economia. <b>Com Itamar</b> É um processo mundial, irreversível. Não tem como alterar muito. Tendo a ser mais cuidadoso.	<b>Com Collor</b> Há estudos que mostram que esta reforma fiscal que está no Congresso altera 22% dos artigos da Constituição. Collor não teria a menor condição de obter algo assim. <b>Com Itamar</b> Dentro de um contexto de repactuação talvez tenha condição de aprovar pelo menos parte da reforma.	<b>Com Collor</b> As bases do acordo estão firmadas. Agora é preciso ver o comportamento dos bancos externos. Não deve ser problema para nenhum dos dois. <b>Com Itamar</b> Não deve ser problema para nenhum dos dois.	<b>Com Collor</b> O Collor não tem condição de fazer mais política monetária ou fiscal. Também não repetiria o delírio do confisco. <b>Com Itamar</b> Teoricamente existe a possibilidade de um alongamento do perfil da dívida, não de forma compulsória, mas através de um pacto.	<b>Com Collor</b> Nenhum dos dois seguiria esta loucura. Se bem que, com o Collor, tudo é possível. <b>Com Itamar</b> Nenhum dos dois seguiria esta loucura.